



Turismo Rural como Fator Impactante da Dinâmica Territorial para o Desenvolvimento em São Bento do Sapucaí (Brasil), a partir da referência Portugal

Carlos Armando Luca

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância da Serra da Mantiqueira no contexto Turístico no Brasil, com destaque ao município de São Bento do Sapucaí, localizada no Estado de São Paulo, sobre o encadeamento do Turismo Rural, por meio de artigos acadêmicos europeus, tendo como referência Portugal.

A metodologia baseou-se na análise documental dos artigos: “A oferta do turismo no espaço rural – estudo de caso da região Dão-Lafões”; “Fazer render o belo – questões à volta do turismo e do desenvolvimento em zonas rurais recuadas”, “Turismo rural e alimentação, identidade e patrimônio: um olhar sobre os Campos de Cima da Serra em tempos de nostalgia”, “Patrimônios histórico-culturais: uma nova perspectiva para o urbano e o rural através do turismo sustentável”, “O Turismo Rural em áreas de agricultura familiar: a “novas ruralidades” e a Sustentabilidade do Desenvolvimento local”, “Turismo em Áreas Rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil”, “O Turismo no Espaço Rural: uma estratégia para a nova gestão rural brasileira”, “Elementos para o Debate Acerca do Conceito de Turismo Rural”. Verifica-se que os recursos turísticos são matéria prima, porém há necessidade de se adicionar os serviços, os quais podem ser básicos ou complementares, com acréscimo de infraestrutura necessária.

Palavras-chave: Turismo Rural, Espaço Rural, Turismo Sustentável.

Rural tourism as Impactante Territorial Dynamics Factor for Development in Sao Bento do Sapucaí (Brazil), from reference Portugal

Summary

This work aims to discuss the importance of the Serra da Mantiqueira in the Tourism context in Brazil, with emphasis on the municipality of São Bento do Sapucaí, located in the State of São Paulo, on the linkage of Rural Tourism, through European academic articles. As reference Portugal. The methodology was based on the documentary analysis of the articles: "The tourism offer in rural areas - a case study of the Dão-Lafões region"; "Rendering the beautiful - issues surrounding tourism and development in rural retreats", "Rural tourism and food, identity and heritage: a look at the Top of the Mountain Range in times of nostalgia," "Historic and cultural heritage : A new perspective for the urban and the rural through sustainable tourism "," Rural Tourism in areas of family agriculture: the "new ruralities" and the Sustainability of local development "," Tourism in Rural Areas: their possibilities and limitations in the Brazil "," Tourism in Rural Space: a strategy for the new Brazilian rural management "," Elements for the Debate on the Concept of Rural Tourism ". It is verified that the tourist resources are raw material, however it is necessary to add the services, which can be basic or complementary, with the necessary infrastructure added.

Keywords: Rural Tourism, Rural, Sustainable Tourism.

El turismo rural como Impactante Dinámicas Territoriales factor de desarrollo en Sao Bento do Sapucaí (Brasil), de la referencia de Portugal



Resumen

Este trabajo tiene como objetivo discutir la importancia de la Mantiqueira en el contexto de turismo en Brasil, especialmente el municipio de São Bento do Sapucaí, que se encuentra en Sao Paulo, en la cadena de turismo rural, a través de artículos académicos europeos, y hacer referencia a Portugal. La metodología se basa en el análisis documental de los artículos: "La oferta de turismo en las zonas rurales - Estudio de caso de la región de Dão-Lafões"; "Para hacer que las bellas - cuestiones relacionadas con el turismo y el desarrollo de las zonas rurales con sangría", "Turismo rural y poder, la identidad y el patrimonio: un vistazo a los sitios de Cima da Serra en la nostalgia de los tiempos", "El patrimonio histórico y cultural : una nueva perspectiva para el urbana y rural a través del turismo sostenible ", " zonas de turismo rural de la agricultura familiar: los "nuevos ruralidades" y la Sostenibilidad Local para el Desarrollo ", " el turismo en el medio rural: sus posibilidades y limitaciones Brasil ", " el turismo rural: una estrategia para la nueva gestión de las zonas rurales de Brasil ", " Elementos para el debate acerca del concepto de turismo rural ". Parece que los recursos turísticos son la materia prima, pero es necesario añadir los servicios, que pueden ser básico o complementario con el aumento de la infraestructura necesaria.

Palabras-Clave: Turismo Rural, Turismo Rural Sostenible.

1 Introdução

“Caminhos da Mantiqueira” percorre estradas, histórias e vidas em busca da identidade própria e única da Serra da Mantiqueira. A Serra da Mantiqueira é uma cadeia montanhosa que se estende por três estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A importância do mapeamento do turismo rural serve de fundamento para estudos sobre a região a ser pesquisada, a Serra da Mantiqueira, localizada no Vale do Paraíba Paulista – Estado de São Paulo, que tem forte participação no eixo econômico entre São Paulo e Rio de Janeiro. A Serra da Mantiqueira integra o ecossistema da Mata Atlântica que possui uma das maiores biodiversidades do planeta. Tudo isto em uma região que começa a apenas 100 km da cidade de São Paulo. A palavra **Mantiqueira** se origina do tupi-guarani e significa “Serra que chora”, assim denominada pelos índios que habitavam a região, devido à grande quantidade de nascentes e riachos encontrados em suas encostas.

São Bento do Sapucaí, cidade pesquisada, está localizada em terras paulistas, encravadas no mapa mineiro, situando-se a leste do Estado de São Paulo, cone leste paulista, em pleno contraforte da Serra da Mantiqueira, localizada, portanto, entre cidades paulistas e mineiras. A ligação entre as cidades do Vale do Paraíba foi feita por carroções puxados por animais que passaram a traçar novas vias de acesso pelas cabeceiras do Rio Sapucaí Mirim.



A relevância do turismo rural na economia regional passou a ser um grande impulsionador do desenvolvimento econômico e social, pois a peculiaridade das características regionais contribui para a diversificação das várias atividades do turismo no espaço rural, obrigando a aplicação de investimentos na sua infraestrutura. De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o espaço não urbano é definido como rural e abriga diversos empreendimentos que podem caracterizar vários tipos e segmentos de turismo. Para o turista, o seu interesse que se desloca para áreas rurais está no conjunto constituído pela atividade produtiva, pela natureza e pelo modo de vida que diferem da paisagem e ritmo urbano. A conceituação de Turismo Rural fundamenta-se em aspectos que se referem ao turismo, ao território, à base econômica, aos recursos naturais culturais e à sociedade. Nessa linha de pensamento Graziano da Silva (1998 p.14), enfatiza que esse Turismo engloba todas as atividades praticadas no meio não urbano que consistem em lazer no meio rural, nas várias modalidades definidas com base na oferta: - turismo rural, agro turismo, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo de negócios, turismo de saúde, turismo cultural, turismo esportivo, atividades estas que se complementam ou não.

2 Arranjo Produtivo Local (APL) Base Comunitária

APLs Base Comunitária é uma atividade produtiva local, derivada de fatores naturais e históricos, concentrando no mesmo território micro e pequenas empresas de subsistência (setor informal) com base familiar, baixa competência técnica comercial e gerencial produzindo atividades terciárias para a cadeia produtiva do turismo, segundo Coriolano (2009). A comunidade é a base do APL de Base Comunitária.

Pode-se definir comunidade como sendo um grupo de pessoas com seu estilo de vida próprio, com suas tradições, culturas, histórias e costumes. Assim, as atividades



produtivas direcionam suas aspirações de desenvolvimento em determinado espaço geográfico, interagindo intensamente entre si. De acordo com Vieira (1995) o APL Base Comunitária se inspira no enfoque eco desenvolvimentista, apontado com paradigma sistêmico, compreendendo princípios de ecologia profunda, economia social e planejamento participativo.

O Arranjo Produtivo Local pode ser entendido como um empreendimento coletivo, em que em uma dada territorialidade social, política e econômica desencadeia uma cooperação e competição, entre os micro e pequenos autores. O APL Base Comunitária se inspira na perspectiva da economia solidária que apregoa a possibilidade de existir solidariedade na economia e direitos iguais, entre aqueles que se associam para financiar, produzir, comerciar ou consumir mercadorias (SINGER, 2002).

Essa linha de pensamento vem de encontro ao conceito de micro-rede onde ocorrem encadeamentos produtivos verticais à montante (para trás) e à jusante (para frente), reforçando a relação entre fornecedor-produtor (situação montante) e a relação vertical entre fornecedor-distribuidor, provocando encadeamentos produtivos. Sendo o APL Base Comunitária uma atividade produtiva local permitirá que seus integrantes, com seus conhecimentos adquiridos no dia-a-dia, possam aplicar esse conhecimento tácito no desenvolvimento de uma identidade territorial (marcas), enfatizando sua cultura, seus hábitos de uma sociedade local.

3 Cadeia Produtiva e Serviços

Morvan (1985 p.199) define *filière* como "Cadeia (*filière*) é uma sequência de operações que conduzem à produção de bens. Sua articulação é amplamente influenciada pela fronteira de possibilidades dadas pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização dos seus lucros. As relações entre os agentes são de interdependência ou complementaridade e são determinadas por forças hierárquicas. Em diferentes níveis de análise, a cadeia é um sistema mais ou menos capaz de assegurar sua própria transformação." Nessa linha de pensamento Zylbersztajn (2000 p.09) ressalta que o conceito de *filières* ou cadeias não privilegia a variável preço no processo de coordenação do sistema e focaliza especialmente aspectos distributivos do produto industrial.

De acordo com Gomes da Silva (2012) o estudo da cadeia produtiva e serviços têm como finalidade mapear as etapas por onde os insumos sofrem transformação. Constituem as várias operações integradas em unidades e interligadas, desde a extração à distribuição, ou seja, abrange todos os agentes econômicos envolvidos na produção, distribuição e consumo. A cadeia produtiva e serviços é o conjunto de componentes interativos, incluindo os sistemas produtivos, fornecedores de insumos e serviços (Cadeia de Suprimentos) indústrias de processamento e transformação, agentes de distribuição e comercialização, além de consumidores finais. Para um melhor entendimento a cadeia de suprimentos é composta pelo que os autores denominam de três outras cadeias que incluem num todo a estrutura, os fornecedores e os clientes assim detalhados: - cadeia interna- composta por fluxos de materiais e informações internos de uma organização: - cadeia imediata: composta por fornecedores e clientes diretos da primeira camada e dos seus fluxos integrados de materiais e informações; cadeia total: - composta por todos os fornecedores e clientes e suas cadeias imediatas, com seus respectivos fluxos, sendo que os fornecedores e clientes de segunda camada



são próximos da cadeia imediata. Para que toda essa complexidade venha a ser bem realizada tem-se a logística, que também faz parte da cadeia produtiva e serviços e tem a importância de planejar, implementar e controlar, de maneira eficiente e efetiva, os fluxos de estoque dos produtos, dos serviços e das informações relativas a estas atividades, desde o ponto de origem até o ponto de consumo, com o propósito de atender aos requisitos do cliente. As atividades logísticas estão divididas em dois tipos, a saber: - principais - que reúnem o transporte, manutenção de estoques, processamento de pedidos e distribuição; - secundárias (porém não menos importantes): que reúnem o sistema de armazenagem, manuseio de materiais, embalagem, suprimentos, planejamento, sistema de informação etc.

Da mesma forma, o conceito de valor deve ser incluído na cadeia de suprimentos como cadeia de valor que é estabelecida por um conjunto de atividades criadoras de valor, desde as fontes de matérias-primas básicas, passando por fornecedores de componentes e indo até o produto final entregue nas mãos do consumidor. Ainda, segundo Gomes da Silva (2012) a cadeia de serviços compõe o estudo da cadeia produtiva e vários autores definem as características dessas empresas, como empresas especializadas em fazer a gestão dos serviços. Estas buscam no mercado empresas cujo *core business* passa a ser a gestão dos serviços, buscando prestadores e distribuindo serviços. A satisfação do cliente cria nessas empresas de gestão de serviços, a necessidade de ser sustentável economicamente e socialmente, evitando que parte preciosa e significativa da satisfação seja consumida em burocracia e formas de distribuição dos serviços.

4 Desenvolvimento Sustentável Econômico e Social

Myrdal (1961) expressa que “desenvolvimento econômico” em um determinado país, estado ou região em desigualdade interna encontra-se em comparação com as desigualdades de outros países, estados e regiões. Para ele é fácil ver como a expansão em uma localidade produz “efeitos regressivos” (*backwash effects*) em outras. Isto é, os movimentos de mão-de-obra, capital, bens e serviços não impedem por si mesmos, a tendência natural à desigualdade. Em contraponto têm-se os “efeitos propulsores” (*spread effects*) centrífugos, que se propagam do centro de expansão econômica para outras regiões. É natural que toda região situada em torno de um ponto central de expansão se beneficie dos mercados crescentes de produtos agrícolas e seja paralelamente estimulada ao progresso técnico. Esses efeitos tiveram como referência o comércio internacional e os movimentos de capitais, nos quais os meios de progresso econômico no país adiantado têm “efeitos regressivos” no mundo subdesenvolvido, desde que não ocorra um controle. Alguns conceitos da dinâmica territorial do desenvolvimento expresso por Dallabrida e Becker (2000) podem ser relatados para aprimorar o conceito de desenvolvimento econômico, conforme pode ser observado no Quadro 01.



Quadro 01: Conceitos da dinâmica territorial do desenvolvimento

Espaço	Refere-se á totalidade dos lugares, entendendo lugar como a expressão materializada do global, produzido na articulação contraditória entre a mundialidade e a especificidade.
Região	Pode ser definida como o Locus de determinadas funções da sociedade total em um momento dado, ou seja, um subespaço nacional total.
Território	Significa terra pertencente a alguém. Pertencente, entretanto, não se vincula, necessariamente, à propriedade da terra, mas a sua apropriação.
TDR – Territorialização, Desterritorialização, Reterritorialização	É resultante do conceito de território. Territorialização é o processo de apropriação do espaço, seja através de uma ação do setor público ou privado. Toda forma de ocupação ou apropriação do espaço provoca diferentes formas de desterritorialização. Já a reterritorialização é o processo de assentamento dos desterritorializados.
Dinâmica Territorial do Desenvolvimento	Diz respeito às diferentes formas de os atores \ agentes locais \ regionais organizarem-se para atuarem no processo de ordenamento \ reordenamento do território, para atuarem no processo de desenvolvimento local \ regional.
Desenvolvimento Local / Regional	Refere-se a um determinado processo de territorialização que contempla a dimensão da reterritorialização, capaz de estimular as potencialidades e contribuir para a superação dos desafios locais \ regionais.

Fonte: Dallabrida e Becker (2000).

5 Dados da Pesquisa

Os dados dessa pesquisa iniciaram-se a partir da obra “A Oferta do Turismo no Espaço Rural – Estudo de Caso da Região Dão-Lafões” (2008) aonde as autoras apresentam o estudo de caso da região Dão-Lafões, enfatizando os empreendimentos do Turismo no Espaço Rural (TER) na Região Dão-Lafões (RDL), localizada na região norte da Região Centro (Portugal), região esta considerada um importante roteiro na Rota dos Vinhos do Dão.

Nessa mesma linha de pensamento e na mesma obra, Cunha (2003), ressalta a importância de uma nova estratégia de desenvolvimento do turismo nacional baseado na diversificação espacial/geográfica e de produtos, na diferenciação e na conquista do mercado interno que associado ao conceito de Kastenholtz (2005) enfatiza a oportunidade de um desenvolvimento diferente e diferenciador, apostando no autêntico e visando o sustentável. Apresenta-se como muito apelativa não só para o novo turista como para os agentes mais conscientes e inovadores da oferta turística, para os responsáveis destes destinos e para as suas populações. Porém, na base desta procura estão razões de ordem social e psicológica intimamente associados à realidade social e



imaginária do indivíduo de “quebrar a rotina” ou “escapar da vida cotidiana”, algo que não existe no local onde ele (turista) vive e trabalha ressalta Silva (2007).

Os mesmos autores e alguns outros também citam as razões que levam o turismo a ser um impulsionador do desenvolvimento rural como pode ser observado a seguir:

- Turismo é função das especificidades de cada região e só é viável quando existem valores locais que garantem uma vocação turística. (RIBEIRO & VAREIRO, 2007)
- O turismo opera uma transferência de rendimentos das regiões mais desenvolvidas para as menos desenvolvidas e pode ocasionar uma exportação de bens e serviços do interior da região. (CUNHA 2006)
- O turismo em nível das regiões mais interiores e deprimidas obriga e justifica o lançamento de infraestruturas e de equipamento social que, servem não só aos turistas, mas também a população local e que de outro modo seria difícil de instalar. (DGADR, 2008)
- O turismo contribui para a dinamização e modernização da produção local ao apoiar a arte e o artesanato local, entre outros setores.
- O turismo permite o aproveitamento de instalações e equipamentos abandonados ou obsoletos garantindo-lhes uma nova função. (CUNHA 2007)
- O turismo rural pode contribuir para a diversificação das atividades ligadas à exploração agrícola e para a criação de novos postos de trabalho, sobretudo para os jovens e mulheres. (DGADR, 2008).

Mediante o apontado, verifica-se que a expressão TER – “turismo no espaço rural” é utilizado para determinar o produto turístico no meio rural, com um sentido amplo dessas designações como: agroturismo, turismo verde, ecoturismo, enoturismo entre outras. Entre, os empreendimentos com melhor performance encontram-se o Agro Turismo (AT), com um total de 13 empreendimentos e o Turismo de Habitação (TH) com 11 empreendimentos.

A segunda obra pesquisada “Fazer render o Belo – questões à volta do turismo e do desenvolvimento em zonas rurais recuadas” (1996) o autor apresenta um trabalho sobre as zonas rurais recuadas (regiões pobres) no qual as oportunidades do turismo são uma opção estratégica. Neste caso o autor ressalta a qualidade de vida nelas (zonas rurais) ainda é possível, pois, como podem tais regiões aproveitar os poucos recursos que ainda possuem em benefício das suas populações? Ele (autor) ressalta que o moderno urbanismo é indissociável do industrialismo e crescimento dos tipos de serviços que atualmente marcam o desenvolvimento das sociedades, assim como, é indissociável a transformação radical das atividades agrícolas, pelo declínio da agricultura tradicional e camponesa e ascensão da produção racionalizada para o mercado. Com isso, surgem fatores de competitividade e diferenciação do espaço rural, com a diminuição do peso demográfico e econômico das regiões rurais, tendo repercussões diretas e imediatas na drástica diminuição do seu peso político eleitoral, o que por sua vez tende a reforçar a respectiva subalternização.

O autor enfatiza um trabalho realizado pela OCDE que estabelece uma tipologia de zonas rurais assente em critérios basicamente econômicos (integração nas economias regional e global), mas contendo igualmente componentes geográficas (acessibilidades), sociais, culturais e políticas. Segunda tal tipologia, as regiões rurais distinguem-se em



“integradas”, “intermédias” e “recuadas”. Nesta última, geralmente zonas desertificadas e em envelhecimento ainda mais rápido do que a média nos países europeus, que aparece uma população ativa restante relativamente pouco formada e qualificada, além de concentrar múltiplos fatores de fragilização das condições de vida. E, para obter um “desenvolvimento duradouro”, o autor desenvolveu uma estratégia em três eixos básicos:

- Eixo territorial, que obriga a partir de territórios bem definidos, cujas especificidades orientarão as escolhas estratégicas operadas por atores locais e regionais, dotados de mecanismos de apoio aos projetos de desenvolvimento, de cooperação e regulação dos interesses locais, bem como de mediação com o exterior;
- Procura de soluções para a renovação e animação dos tecidos econômicos com base em atividades econômicas respeitadoras do ambiente, tais como as que utilizem tecnologias não poluentes, produzam produtos naturais e, tanto quanto possível, de origem local;
- Criação de estruturas de formação e qualificação para o desenvolvimento do ambiente e sistemas de transferência de saberes.

Mediante o fato, as reais oportunidades destacam-se em:

Valorização da agricultura; Valorização de produtos locais; Aumento de rendimentos exteriores à agricultura; Valorização de produtos energéticos locais e renováveis; Criação e desenvolvimento de sistemas de recolha e tratamento de lixos; Criação de novos serviços – infraestrutura de apoio; Redução de custos; Renovação de aldeias.

Como estratégia de desenvolvimento, a competitividade e potencialidades das regiões rurais “recuadas”, tendem a produzir centros integrados de lazer e tempos livres em espaço rural e se assentam exatamente na exploração e requalificação das tradições e das identidades. Com isso, o turismo rural é uma alternativa para as regiões rurais desfavorecidas apenas se permitir a preservação e melhoria das suas vantagens comparativas, a qualidade ambiental e a tradição sociocultural.

Na terceira obra pesquisada “Turismo Rural e Alimentação, Identidade e Patrimônio: um olhar sobre os Campos de Cima da Serra em tempos de nostalgia” (2011) as autoras apresentam no turismo rural, o fenômeno culinário, a identidade e patrimônio, ressaltando a importância da hereditariedade gastronômica, proveniente do empreendimento familiar, quanto à associação entre identidade e práticas alimentares. Com a tradição na gastronomia local, Mintz (2001) ressalta que o comportamento relativo à alimentação liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social e isso parece valer para todos os seres humanos.

A gastronomia constitui-se como expressão das identidades locais, que o turista reconhece e consome. A importância da valorização do fenômeno culinário possibilita que o discurso do turismo converta esses atrativos em produtos de consumo turístico, transformando-os em patrimônio local. Nesse sentido Cavaco (2001) enfatiza que o turismo rural tem como pano de fundo o apelo ao exotismo, àquilo que é diferente do urbano, à paisagem bucólica e ambientalmente saudável e, principalmente, ao que remete a uma “identidade rural”.



Mediante isso, a gastronomia como produto turístico e patrimônio enquanto categoria do pensamento, é de extrema importância para a vida social e mental de qualquer coletividade humana.

Na quarta obra pesquisada: “Patrimônios Histórico-Culturais: uma nova perspectiva para o Urbano através do Turismo Sustentável”, (2004) a autora apresenta patrimônios histórico-culturais como uma nova perspectiva por meio do turismo sustentável, no qual ela enfatiza a pluriatividade (turismo), que vem neste caso como proposta de suprir essa necessidade propondo um novo desafio para as relações até hoje estabelecidas no campo. A ideia de pluriatividade no campo ocorreu com a crise Européia de superprodução, fazendo com que os agricultores invertessem o processo de produção procurando diversificar não apenas as culturas, como também as atividades.

O conceito de pluriatividade tem como um dos objetivos evitar o êxodo rural, que por ausência de políticas agrícolas voltadas para a agricultura familiar tem dificultando a permanência do homem no campo. A pluriatividade proporciona alternativas que até então o homem do campo não “conhecia”. A autora exemplifica como o turismo movimenta o espaço rural onde se pode implantar fazendas-hotéis, vendas de doces caseiros, venda de hortifrutigranjeiros de melhor qualidade, agregando valor a esses produtos, assim como aumento de bares, restaurantes, pousadas, abrindo-se novas frentes de trabalho como: pedreiros, caseiros, lavadeiras e outras que surgem com a chegada do turismo.

Mediante o fato, esse tipo de projeto pode gerar resultados positivos na questão financeira e principalmente na comunidade receptora, com conceito no turismo de uma expectativa para a melhoria de vida das comunidades, pois a inovação e o desenvolvimento sustentável passam a fazer parte da cultura e consequente disseminação aos turistas.

Na quinta obra pesquisada “O Turismo Rural em áreas de agricultura familiar: a “novas ruralidades” e a Sustentabilidade do Desenvolvimento local” (2000) o autor apresenta o turismo rural em áreas de agricultura familiar, ressaltando a sustentabilidade do desenvolvimento local, com foco no estado do Rio Grande do Sul, onde estão sendo desenvolvidos diversos empreendimentos socioculturais, a partir da prática do turismo rural naquelas áreas.

O autor enfatiza que as “novas ruralidades” aproveitam e expandem novas funções e atividades no campo integrando e envolvendo as famílias rurais como o poder público e a iniciativa privada. É o que o autor denomina como a pluriatividade ou multifuncionalidade do campo e segundo Cazella (2003), é o conjunto das contribuições da agricultura para um desenvolvimento econômico e social considerado na sua unidade. Dessa forma, a pluriatividade e a multifuncionalidade no campo são conceitos complementares.

Portanto, estão sendo criados múltiplos eventos com circuitos e rotas turísticas adequadas às tradições culturais e às condições naturais das regiões, com várias modalidades do turismo, como o turismo alternativo, turismo ecológico, agroturismo, que estão atraindo os moradores da cidade rumo ao campo.

Mediante o fato, o produtor rural passa a ser um empreendedor e prestador de serviços turísticos, trabalhando diretamente na conservação do patrimônio ambiental e cultural de sua região.



Na sexta obra pesquisada “Turismo em Áreas Rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil” (1998) os autores apresentam uma literatura especializada sobre o tema, experiências relatadas no caso brasileiro e políticas públicas relacionadas ao setor. De acordo com Oxinalde (1994), o primeiro problema encontrado aos e estudar e descrever o turismo rural é o das definições. Considera ainda, que esta dificuldade com as definições se estende (inclusive) às palavras turismo e rural, bastante ambíguas. Segundo o autor, o turismo rural engloba diversas modalidades de turismo, que não se excluem e se complementam de forma tal, que o turismo no meio rural é a soma de ecoturismo, turismo verde, turismo cultural, turismo esportivo, agroturismo e turismo de aventura.

Os autores ressaltam ainda que a literatura que trata dos problemas de definição de turismo rural, aponta para duas tendências:

- O critério diferenciador se baseia nos elementos que compõem a oferta, falando-se de turismo rural quando a cultura é um elemento importante e aplicando-se denominações específicas – tais como agroturismo, turismo verde, equestre, de caça etc. – para indicar o caráter prioritário do componente ofertado;
- O critério diferenciador é a distribuição dos rendimentos gerados pelas atividades turísticas que é recebida pela comunidade rural ou pelos agricultores. Há três categorias que os autores enfatizam no turismo rural: agroturismo, turismo rural e turismo em áreas rurais.

No contexto do Turismo Rural, os autores consideram duas características:

- O desenvolvimento pode produzir-se em zonas que não disponham de recursos turísticos extraordinários, o que significa que a aptidão para o turismo em áreas rurais pode estender-se para amplas regiões do território.
- É o baixo nível de barreiras à entrada implicando que o turismo rural pode criar postos de trabalho com reduzidos volumes de investimentos.

Os autores ainda afirmam que o crescimento da demanda de turismo no meio rural – pelo menos na Europa – depende fundamentalmente da capacidade de oferta. Aonde a importância das políticas públicas para financiar e fomentar as atividades como, por exemplo, o Programa LEADER da Comunidade Européia tornaram-se primordiais. Assim como a prática de acomodação de turistas urbanos em estabelecimentos rurais e em Portugal, a hospedagem se dá no meio familiar, sendo as casas licenciadas por um órgão governamental denominado de Direção Geral de Turismo e classificada como “Turismo de Habitação”. Elas podem ser exemplificadas como solares, casas apalaçadas, ou residências de reconhecido valor arquitetônico.

O “Turismo Rural” é exemplificado como casas rústicas com características próprias do meio rural em que se inserem. O “Agroturismo” são casas integradas numa exploração agrícola, caracterizando-se pela participação dos turistas em trabalhos da própria exploração ou em forma de animação complementar.

Entretanto, no Brasil, é necessária uma conceituação mais precisa do conjunto de atividades turísticas e recreativas que acontecem no meio rural, pois muitos consideram que a terminologia turismo rural deve ser usada apenas quando o turista efetivamente se hospeda no meio rural participando dos trabalhos realizados na fazenda ou sítio. Fato que pode ser observado nas definições do órgão do governo denominada de EMBRATUR que por intermédio do seu Manual Operacional do Turismo Rural adota



um conceito múltiplo, não ocorrendo uma conceituação com maior objetividade e clareza para cada tipo de Turismo.

A sétima obra pesquisada “O Turismo no Espaço Rural: uma estratégia para a nova gestão rural brasileira” (1999) é apresentada pelas autoras como uma análise dos pontos fortes e fracos dessa estratégia empresarial e apresentam sugestões para melhorias no setor. A sobrevivência é um fator importante para a realização de mudanças e a utilização ou criação de novas estratégias que permitam uma melhor rentabilidade e a manutenção do homem no campo.

As autoras enfatizam que a exploração do turismo no espaço rural é vista como uma das alternativas, possibilitando observar o surgimento de um novo tipo de proprietários de terra “empresários do setor rural”. E, um dos fatores são as atividades não agrícolas, relacionadas à prestação de serviços e a ênfase ao fato de que a transformação do produtor rural em produtor de serviços requer dele a incorporação de uma “visão sistêmica do seu negócio”, com isso permitindo que:

- O empresário tenha condições de observar o conjunto de fatores que envolvem determinado sistema ou empresa, seja na definição de tarefas ou visualização do micro e macroambiente, influenciando diretamente no processo de tomada de decisões;
- Sejam consideradas todas as informações que possam contribuir no estabelecimento de estratégias eficientes e eficazes;
- Haja melhor entendimento entre as variáveis controláveis e não controláveis de uma organização, fornecendo subsídios para o estabelecimento da base competitiva da empresa.

Mediante a obra apresentada, é importante efetuar o estudo das potencialidades do meio rural no qual a propriedade está inserida. Pode-se dizer que a pluriatividade é uma forma de revitalizar os negócios das propriedades agrícolas fornecendo ao turista o contato com o meio rural.

Na oitava obra pesquisada “Elementos para o Debate Acerca do Conceito de Turismo Rural” (2010) o autor apresenta uma contribuição acerca do conceito de turismo rural, agroturismo e turismo no espaço rural. O autor enfatiza que a partir da década de 1990, o turismo passa a ser ideologicamente polarizado entre turismo convencional / de massa e turismo alternativo / sustentável.

Em virtude do desenvolvimento econômico pautado na industrialização e nas conquistas trabalhistas nos países europeus, após a Segunda Guerra Mundial, o turismo rural se expande principalmente na França, Espanha e Itália. Baidal (2000) ressalta que pela preocupação com o futuro do espaço rural aliada ao interesse pela expansão do turismo rural, a Europa começa a incentivar o turismo no meio rural de políticas públicas da união Europeia na década de 1990.

Destacam-se, nesse contexto, as iniciativas LEADER I (Ligação Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural – no período 1991 - 1994 e LEADER II no período 1995 – 1999 e LEADER + no período 2000 – 2006, todas lançadas pela Comissão Europeia e coordenadas pela Direção Geral de Agricultura. Diversificando as economias rurais, passam a direcionar recursos p/ atividades agrícolas e não agrícolas em seu espaço rural.

No conceito de Turismo Rural o autor ressalta que não podemos ignorar toda a complexidade que envolve o conceito de rural e sua delimitação espacial, tão dificultada



em virtude da expansão espacial dos processos de urbanização e de tecnicização do espaço geográfico. Ele enfatiza que a tecnicização do rural vem modificando a dinâmica do espaço rural, esse fato contribui para a expansão do turismo no espaço rural, pois é necessário ter infraestrutura e equipamentos.

Para Candiotto (2007) turismo rural faz parte de algo mais amplo, que é o turismo no espaço rural, o agroturismo se constitui em uma submodalidade do turismo rural, no qual se têm Turismo Espaço Rural – Turismo Rural e Agroturismo. Acrescento a opinião de Bricalli (2005) que procura avançar nas definições de turismo rural, sugerindo e aplicando três novas categorias dentro do turismo rural: o turismo rural familiar, turismo rural empresarial e turismo rural misto.

Mediante isso, o autor destaca que o debate é importante para e é de responsabilidade dos acadêmicos posicionar-se sobre o conceito de Turismo no Espaço Rural, Turismo Rural e Agroturismo.

6 Análise e discussão dos dados da Pesquisa

Os elementos que compõem a oferta de um novo modelo turístico fundamentam-se na oferta de acomodações e atividades, mediante o uso e recuperação do patrimônio rural, com seus recursos naturais e arquitetura popular. É necessário, porém fazer distinção entre produto *turístico individual ou específico* (acomodações de turismo rural e atividades de descanso) de *produto turístico total* (que é uma combinação de diversos produtos turísticos específicos), conforme Henche (2005).

Dessa forma, como proposta das atividades centrais ou básicas para o produto Turismo Rural desenvolvido em São Bento do Sapucaí na região da Serra da Mantiqueira, têm-se como referência o Quadro 02 que pode ser assim visualizado:

Quadro 02: Produtos turísticos na São Bento do Sapucaí

PRODUTO TURÍSTICO	RECURSOS EXISTENTE / NÃO EXISTENTE
NATUREZA	EXISTENTE
ROTAS E TURISMO	EXISTENTE
CULTURA	EXISTENTE
GASTRONOMIA	EXISTENTE
ROTAS	EXISTENTE
ACOMODAÇÕES	EXISTENTE
INFORMAÇÃO / COMUNICAÇÃO	NÃO EXISTENTE
FOLHETOS E CATÁLOGOS	NÃO EXISTENTE
MULTIMÍDIA/IMAGEM/ITINERIO	NÃO EXISTENTE

Fonte: Autores (2016)



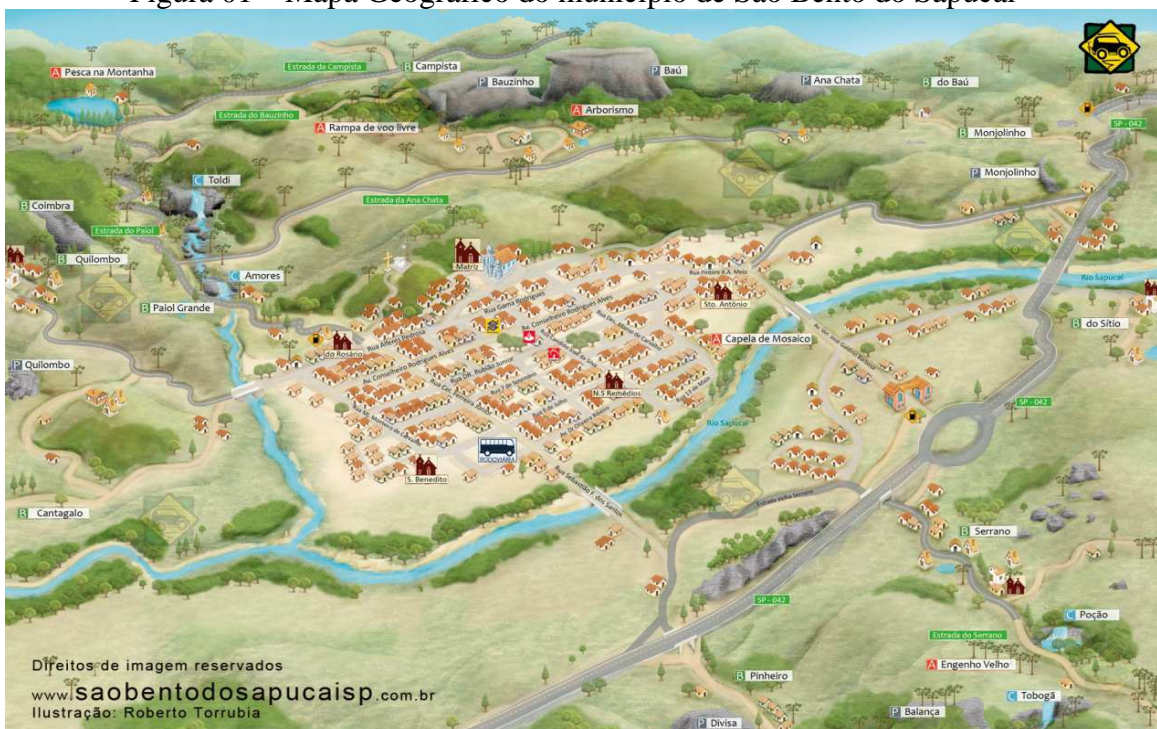
Neste Quadro 02 verifica-se que o município de São Bento do Sapucaí possui muitos recursos turísticos, sendo, porém, necessário transformá-los em produtos turísticos, desenhando todas as características para sua formatação comercial. Naturalmente é importante agregar a esses produtos, as atividades e serviços necessários à sua estruturação e consolidação como um produto do Turismo Rural. A região Sul do Brasil, formada pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, possui um forte perfil em turismo rural. Nela, os recursos aqui descritos com suas atividades foram desenvolvidos e estruturados devido à grande colonização de povos europeus ocorrida no início do Século XX, que com sua cultura e união familiar permitiu essa realização, algo que em outras regiões ainda não se consolidou.

Os recursos turísticos são a matéria-prima e devem-se adicionar os serviços que fornecem caráter (no conceito personalidade ao produto) e qualidade assim descritos:

6.1 Recursos Passivos

O município de São Bento do Sapucaí (SP) possui em pleno século XXI mais da metade de seus habitantes residindo nos bairros locais (Figura 01).

Figura 01 – Mapa Geográfico do município de São Bento do Sapucaí



Por isso, os moradores dos bairros do Cantagalo e do Baú, com o apoio da Secretaria de Turismo e SENAR-SP, oferecem hoje uma estrutura turística de qualidade ao visitante, prezando a simplicidade e o conforto, pois é uma cidade rica em sua cultura e preserva as manifestações culturais, assim como as festas tradicionais religiosas, têm-se como referência o Quadro 03 que pode ser assim visualizado:



Quadro 03 – Recursos Passivos em São Bento do Sapucaí

RECURSOS NATURAIS	Fauna e Flora, Clima, Parques Naturais, Caminhos, Trilhas e Rotas.
PATRIMONIO HISTÓRICO	Monumentos, Arquitetura Popular, Artesanato.
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS	Tradições Culturais, Folclore, Festivais, Gastronomia, Feiras e Eventos – Carnaval.

Fonte: Autores (2016)

Este Quadro 3 de Recursos Passivos demonstra a variedade de recursos disponíveis também na região e que são transformados em produtos turísticos com qualidade desenvolvendo a cultura regional.

6.2 Recursos Naturais

O Brasil é um país rico em recursos naturais, assim como o município de São Bento do Sapucaí que integra o ecossistema da mata Atlântica e mata de Araucárias, apresentando manchas remanescentes dessas matas bem como campos de altitude em seus picos mais elevados (Figura 02) com suas paisagens, clima, flora, fauna e parques naturais, porém os recursos naturais como, áreas de recreio e caminhos, trilhas e rotas, são recursos que estão em fase de estruturação (produtos turísticos) na região da Serra da Mantiqueira.

Figura 02 – Pedra do Baú





6.3 Patrimônio Histórico-Artístico

Todo país tem sua história e o município de São Bento do Sapucaí na Serra da Mantiqueira, possui uma cadeia de montanhas imponentes (Figura 03). Tem esse nome, Mantiqueira, herdada dos índios, seus primeiros habitantes. Os “bandeirantes”, que foram os primeiros exploradores a subir esta serra eram paulistas, que se aventuravam em expedições denominadas Bandeiras, para desbravar o interior do Brasil.

Figura 03 – Serra da Mantiqueira



6.4 Recursos Ativos

Os Recursos Ativos são atividades e recursos importantes ao turismo rural no município conforme visualizado no Quadro 04:

Quadro 04 – Recursos Ativos em São Bento do Sapucaí

ATIVIDADES ESPORTIVAS	Montanhismo, Passeios a Cavalo, Caminhos de Rio e Cavernas e Formação Geológica.
ATIVIDADES SOCIOCULTURAL	Artesanato, Estudo da Flora e Fauna e Meio Ambiente.
ESPAÇO RURAL	Atividades Agrícolas, Exposição de Animais Domésticos e Fabricação de Produtos Locais.
OUTROS	Fotografia, Pintura e Atividades ecológicas.

Fonte: Autores (2016)

Em São Bento do Sapucaí, verifica-se que as Atividades (Recursos Ativos), podem e deverão ser desenvolvidas a médio e longo prazo, porém deve-se incluir nesse desenvolvimento a conscientização da sustentabilidade ambiental.



Da mesma forma, é importante enfatizar que o marketing implica entender o que os consumidores desejam, criando produtos para satisfazer as suas necessidades e comercializando corretamente o produto.

7 Considerações Finais

A geografia rural com seus significados e funções permitem desenvolver estratégias diferenciadas, sendo o turismo rural uma escolha estratégica importante para se trabalhar o conceito de qualidade de vida, voltado a uma população urbana ávida em busca de lazer e descanso.

O programa “LEADER”, realizado pela Comunidade Europeia, consolidou o conceito de turismo em Portugal no final do século passado, sendo responsável pelo grande impulsionador do desenvolvimento rural e turismo, delineando as especialidades de cada região. Em consequência houve a criação de novos postos de trabalho e a modernização da produção e serviço local proporcionando maior fluxo de turistas na região. Certamente a valorização do ambiente turístico pode ocorrer por vários caminhos e um dos mais importantes, nesse mapeamento, foi a Hereditariedade Gastronômica muito peculiar e “saborosa” das regiões, assim como pela tradição cultural, o rico patrimônio histórico.

Em Portugal, por sua geografia e clima, foi permitido desenvolver atividades turísticas específicas, aproveitando as peculiaridades de cada região implantando uma infraestrutura nas regiões menos desenvolvidas podendo ser utilizada tanto pelos turistas como pela população local. Essas ações operadas por atores locais e regionais permitiu a valorização da agricultura, dos produtos, ocorrendo a criação de novos serviços e renovação nas aldeias, com o incremento do turismo. A gastronomia regional sendo sua maior identidade, atuou com a pluriatividade possibilitando a formação e qualificação de mão de obra, evitando o êxodo rural.

Para uma região desprovida ou sem muitos recursos disponíveis, pode-se utilizar o turismo como uma estratégia respeitando-se o meio-ambiente, renovando conceitos e reduzindo custos. Além disso, a forte atuação do conceito de pluriatividade, permitiu ao produtor rural desenvolver as novas ruralidades, passando a ser um novo empreendedor do seu próprio negócio, em sua região, aproveitando a mão de obra disponível para formação e qualificação, evitando-se consequentemente o êxodo rural. Essa sobrevivência permitiu analisar o turismo no espaço rural com uma visão sistêmica para se desenvolver estratégias eficientes, ampliando novas funções no campo, como prestador de serviços.

A valorização da cultura rural, com seu patrimônio histórico-cultural, ressaltando a culinária regional, transformando a arte e a técnica de cozinhar em uma identidade local, com proveito do “exótico”, permitirá certamente, a exploração agrícola e transformação de seus derivados em doces compotas ou outros produtos.

A importância da cultura rural também é enfatizada por Dallabrida e Becker (2000), no conceito da dinâmica territorial do desenvolvimento, no qual, os diferentes autores ao se organizarem podem atuar no desenvolvimento estimulando as potencialidades e suplantando os desafios regionais.

A Empresa brasileira de turismo (2014) enfatiza que, de acordo com o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC - 2014) em seu estudo anual “Viagens e



Turismo: Impacto Econômico” o Brasil aparece em 6°. Lugar no ranking de países, levando em conta vários indicadores como: geração de empregos, divisas geradas, investimentos públicos e privados. Devido à realização de grandes eventos e visibilidade internacional deverá alcançar um crescimento de 5,2% em relação ao ano anterior, número superior à média mundial 2,5%. Com isso, o estudo do impacto econômico na cadeia produtiva do turismo deverá gerar 8,9 milhões de empregos diretos e indiretos no país, demonstrando a importância daquele segmento na transformação de vida da população, em todas as suas regiões.

No Brasil, o Estado do Rio Grande do Sul, colonizado por imigrantes europeus, apresenta uma agricultura familiar ativa por envolver familiares rurais com o poder público, pela criação de eventos e rotas para o turista. Ele também tem uma cultura regional forte e atuante pelos próprios ruralistas que não deixam a tradição desaparecer, permitindo um melhor rendimento econômico aos agricultores.

Diante deste exemplo positivo, no Estado de São Paulo, a “Serra da Mantiqueira”, que se assemelha ao Estado do Rio Grande do Sul em clima, geografia e formação populacional, é uma região a ser desenvolvida no campo do “Turismo Rural”, tendo como objetivo principal analisar a importância da concentração da cadeia produtiva e de serviço rural, no desenvolvimento local, discutindo a implantação e sua contribuição no desenvolvimento econômico, social, e sustentável da região da Mantiqueira.

Referências

Artigos:

Figueiredo, E. Jesus, L. Kastenzholz, E. – **A Oferta do Turismo no Espaço Rural – Estudo de Caso da Região Dão-Lafões** – artigo 2008

Capucha, L. M. A. – **Fazer render o belo – questões à volta do turismo e do desenvolvimento em zonas rurais recuadas.** - Sociologia-Problemas e Práticas – 1996

Beber, A. M. C. Menasche R. – **Turismo Rural e Alimentação, Identidade e Patrimônio: um olhar sobre os Campos de Cima da Serra em tempos de nostalgia** – Ver. Economia Agrícola – SP 2011.

Corsi, E – **Patrimônios Histórico-Culturais: uma nova Perspectiva para o Urbano e o Rural através do Turismo Sustentável** – Caminhos de Geografia – 2004.

Blanco, E.S. – **O turismo rural em áreas de agricultura familiar: a “novas ruralidades”** – Caderno Virtual de Turismo – 2004.

Graziano da Silva, J.; Vilarinho C.; Dale P. J. – **Turismo em Áreas Rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil** – Caderno CRH – 1998.



Roque, A. M.; Vivan, A. M – **O Turismo no Espaço Rural: uma estratégia para a nova gestão rural brasileira** – Revista de Administração da UFLA – 1999

Candiotto, L. Z. P. – **Elementos para o Debate Acerca do Conceito de Turismo Rural**–Turismo em Análise – 2010.

Livros:

ALMEIDA, J.A.; RIEDL. M. (Org.) **Turismo Rural Ecologia, Lazer e Desenvolvimento.** 2000

ANDRÉS SARASA, J.L. (2000) **Aportaciones básicas del turismo al desarrollo rural** – Cuadernos de turismo, Universidad de Murcia no.6 pp.45-60. 2000

BALANZA, I. M.; NADAL. M. C. **Marketing e comercialização de produtos**

Turísticos. São Paulo: Pioneira, 2003.

BAIDAL, J.A. I. **Turismo y espacios rurales: conceptos, filosofías y realidades.** Estudios territoriales, Buenos Aires, 2000.

BENI, M.C. **Processos da Produção Turística, Níveis e Agentes.**

BENI M. C. **Análise estrutural do Turismo.** São Paulo: SENAC, 1998.

CALS, J. CAPEL, À.J. VAQUÉ, E. – **El Turismo en el desarrollo rural em Espanã** - Madrid Min. de Agricultura – 1995.

CANDIOTTO, L.Z.P. **Aspectos históricos e conceituais da multifuncionalidade da agricultura** In: XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária. São Paulo, 2009.

CARNEIRO, M.J.T. **Ruralidade: novas identidades em construção** In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. 1997

CAVACO, C. **Turismo Rural e Desenvolvimento Local.**

CAVACO, C. **Portugal rural: Da tradição ao moderno.**

CAZELLA, A.A. – **Multifuncionalidade agrícola: retórica ou triunfo p/ o desenvolvimento rural** in: CASTILHO, M L. & RAMOS, J. M. (orgs) Agronegócios e Desenvolvimento Sustentável. Francisco Beltrão. 2003

CUNHA, L. **Perspectivas e Tendências do Turismo.** Lisboa, Portugal: Edições Universitárias Lusófnas. 2003.

DALLABRIDA, V. R.; BECKER, D. F. **Dinâmica territorial do desenvolvimento.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.



DELGROSSI, M. E. – **Evolução das ocupações não agrícolas no meio rural brasileiro: 1981-1995**. Campinas, UNICAMP – 1999.

DGADR (acedido 20/julho de 2008). <http://www.dgadr.pt/default.aspx?access=1>

EMBRATUR. **Manual do Turismo Rural - 2014**

GALVÃO, A. C.; VASCONCELOS, R. **Política regional à escala sub-regional: uma tipologia territorial como base para um fundo de apoio ao desenvolvimento regional**. 131 f. 1999. Disponível: <<http://www.ipea.gov.br>> Acesso: 27 junho 2013.

GARRIDO, Inez Maria D. A. **Modelos Multiorganizacionais do Turismo: cadeias, clusters e redes**. Tese de Mestrado em Administração. UFB, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Meio Rural paulista: muito além do agrícola e do agrário** - Caderno CRH – 1998.

HENCHE, B. G. – **Características Diferenciales del Producto Turismo Rural** – Cuadernos de Turismo - 2005

HORA, A.S.S. & CAVALCANTI, K.B. – Turismo Pedagógico: conversão e reconversão do olhar. In: REJOWSKI, M. COSTA, B.K. – **Turismo Contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão** – São Paulo: Atlas 2003.

KASTENHOLZ, E. – **Contributos p/ o Marketing de Destinos Rurais – O Caso Norte de Portugal**. Revista Turismo e Desenvolvimento - 2005

LABAT, J.L. F-C, PEREZ, S.F.O. **Mercado de Trabajo Agrario y Desarrollo Rural** - 1994

LOVELOCK, C. H.; WRIGHT, L. **Serviços: marketing e gestão**. São Paulo: Saraiva 2006.

LUCA, C.A.B. **Estudo da Concentração da Cadeia de Serviços no Município de Campos do Jordão – SP** - 2014

MINTZ, S. W. **Comida e Antropologia: uma breve revisão** – Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, 2001

MOREIRA, F.J. **O Turismo em Espaço Rural. Enquadramento e expressão geográfica no Território Português** - 1994

OLSON, C. **Arranjos produtivos**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso: 27 junho 2013.

OXINALDE, M. DEL R. – **Ecoturismo – nuevas formas de turismo en el espacio rural**. Barcelona: Bosch Casa Editorial - 1994

PORTUGUEZ, A. **Agroturismo Desenvolvimento Regional** - 1999



RIBEIRO, J. & VAREIRO, L – **Turismo e Desenvolvimento Regional: o Espaço como Destino Turístico.** Congresso Internacional « Casa Nobre: um patrimônio p/ o futuro – 2007.

RODRIGUES, A.B. (Org.) **Turismo e desenvolvimento local - 2001**

RUSCHMANN, D. **O Turismo Rural e o Desenvolvimento Sustentável - 2011**

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e pluriatividade.** Porto Alegre UFRGS. 1999.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Cia de Bolso, 2010.

SILVA, J. L. G. **Apontamentos da disciplina estudos das cadeias produtivas e serviços do programa de mestrado acadêmico em planejamento e desenvolvimento regional.** Taubaté: Unitau, 2013.

SILVEIRA, M. T. **Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento: um foco no estado do Paraná no contexto regional.** USP, São Paulo, 2002.

SIRGADO, J.R. **Dinâmicas do Turismo e sustentabilidade do desenvolvimento local\regional - 2001.**

Secretaria de Turismo e Desenvolvimento de São Bento do Sapucaí - 2016

TOMAZZONI, E.L. **Turismo e Desenvolvimento Regional: dimensões, elementos e indicadores.** Caxias do Sul, RS: Educus, 2009.

VERGARA S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2000.

ZIMMERMANN, A. **Turismo Rural: um modelo brasileiro - 1996**

ZYLBERSZTAJN D.; NEVES M. F. **Gestão dos Negócios Agroalimentares – 2000.**